

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL**  
**CURSO DE JORNALISMO**

Cleonice da Silva

**BENTO RODRIGUES:**  
**Vidas e sonhos fragmentados pelo caos**

Produto

Mariana – MG

2017

CLEONICE DA SILVA

**BENTO RODRIGUES:**  
**Vidas e sonhos fragmentados pelo caos**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Professora orientadora:

Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana - MG

2017

S586v

Silva, Cleonice.

Vidas e Sonhos Fragmentados pelo Caos [manuscrito] / Cleonice Silva. - 2017.

1 CD-ROMf.: il.: color; Acompanha dentro do CD um memorial (36f.) e um liv.

Orientadora: Profª. MScª. Karina Gomes Barbosa.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Jornalismo - Mariana (MG) - Teses. 2. Bento Rodrigues (Mariana, MG) - Teses. 3. Psicologia comunitária - Bento Rodrigues (Mariana, MG) - Teses. 4. Barragem - Mariana (MG) - Teses. I. Barbosa, Karina Gomes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

Catálogo: [ficha@sisbin.ufop.br](mailto:ficha@sisbin.ufop.br) 44(815.1)

Cleonice da Silva

Curso de Jornalismo – UFOP

BENTO RODRIGUES:

VIDAS E SONHOS FRAGMENTADOS PELOS CAOS

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.


Banca Examinadora:



Prof. Dra. Karina Gomes Barbosa



Prof. Me. André Luís Carvalho



Me. Rafael Fonseca Drumond

Mariana, 01 de setembro de 2017.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus toda honra por me permitir completar essa importante etapa em minha vida.

À minha mãe por tantos mimos e cuidados. À minha família pela força e motivação.

Aos amigos Hênio, Leonardo, Marcos e Maria que sempre me incentivaram na busca pelos meus objetivos.

À minha inesquecível orientadora Karina Gomes Barbosa pela perspicácia, dedicação e apoio.

Aos meus queridos professores André Carvalho e Rafael Drumond pelo “sim” ao convite para compor a banca examinadora.

À minha querida diagramadora Camila Gonçalves.

Aos amigos que conquistei durante o curso, em especial Gisele, Ingridy, Moisés e Sílvia, pela caminhada sempre juntos.

E, claro, a todos que acreditaram que o meu dia chegaria.

## RESUMO

Memorial descritivo da produção do livro-reportagem “Vidas e sonhos fragmentados pelo caos”, que objetiva levar ao leitor as memórias, os anseios e as perspectivas futuras de alguns ex-moradores de Bento Rodrigues, após a catástrofe ocasionada pelo rompimento da Barragem de Fundão, da mineradora da Samarco, em novembro de 2015. O presente trabalho se utiliza do jornalismo literário para pensar além da rotina jornalística e deixar fluir um produto humanizado e com liberdade de angulação.

**Palavras chaves:** Livro-reportagem, Bento Rodrigues, barragem, trauma, jornalismo.

## **ABSTRACT**

Descriptive Memorial of the production of the non-fiction book “Vidas e sonhos fragmentados pelo caos”, that has as its objective to bring to the reader the memories, yearnings and future perspectives of some ex-dwellers from Bento Rodrigues, after the catastrophe caused by the rupture of the Fundão dam, property of the mining company Samarco, in November 2015. This work makes use of literary journalism to think beyond the journalistic routine and to let a humanized product and with freedom of angle flow.

**Key words:** Book-report, Bento Rodrigues, dam, trauma, journalism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
1.1 Justificativa.....	9
1.2 Problematização.....	10
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Objetivo Geral.....	11
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
1.4 Contextualização.....	11
<b>2. LIVRO-REPORTAGEM: CONSTRUÇÃO E NARRATIVAS.....</b>	<b>13</b>
2.1 O livro-Reportagem e o Jornalismo.....	13
2.2 Reportagem.....	15
2.3 Narrativas.....	16
2.4 Narrativa literária.....	17
<b>3. TRAUMA.....</b>	<b>19</b>
3.1 Testemunha.....	20
<b>4. PROCESSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>22</b>
4.1 Estrutura.....	22
4.2 Recursos de Linguagem.....	23
4.3 Apuração.....	24
<b>5. DIÁRIO DE BORDO.....</b>	<b>25</b>
<b>6. QUESTIONAMENTOS.....</b>	<b>30</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>
8.1 Referências Digitais.....	33



## 1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho em questão aborda histórias de alguns ex-moradores de Bento Rodrigues. Um livro-reportagem contando momentos que ficarão marcados para sempre na vida das pessoas que habitavam Bento Rodrigues - subdistrito mais prejudicado pela lama de rejeitos proveniente do rompimento da barragem de Fundão, localizada na mineradora Samarco S.A. Em cinco de novembro de 2015, cerca de 50 milhões de m<sup>3</sup> de resíduos de minério vazaram destruindo tudo por onde passavam. Além de Bento Rodrigues, a lama atingiu também o subdistrito de Paracatu de baixo, o Rio Gualaxo, Camargos, o distrito de Gesteira e as cidade de Barra Longa, Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado e Governador Valadares. A lama também chegou ao Espírito Santo, Regência, Linhares, Baixo Guandu e Colatina, levada pelo Rio Doce. O número de mortos chegou a 19 pessoas, entre funcionários da empresa e moradores de Bento Rodrigues. Além disso, deixou outros rastros como danos materiais e socioambientais.

Depois do rompimento da Barragem de Fundão, muitas dessas pessoas se veem sendo tratadas como “cidadãos de segunda classe” por alguns moradores de Mariana. Além disso, se sentem perdidos, como estranhos em um lugar ao qual não pertencem. Diante disso, é importante conhecer um pouco dessas pessoas para reforçar o exercício de empatia, de se importar com o outro, respeitar sua humanidade, compreendê-los e vê-los como importantes. O jornalismo tem o papel de mediador, mas o deadline tem afastado, às vezes, a essência humana dos relatos da mídia que, sem conhecer de perto o cidadão, acaba noticiando mais estatísticas e números.

Kovach e Rosenstiel (2004), em *Elementos do Jornalismo*, ressaltam que a fidelidade dos jornalistas tem que ser aos cidadãos. Entre outros, destacam que o jornalismo deve enfatizar o compromisso público, além de empenhar-se para apresentar o que é relevante e compreensível. Nessa cobertura jornalística os protagonistas são pessoas, a intenção é transformar o ato em jornalismo humanizado, assumindo um papel social onde a relação se dá com outros seres humanos cujo enredo se trata de histórias de vidas. Nelson Traquina diz: "Afim, qual é o papel do jornalismo na sociedade – um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do status quo?" (2004, p. 145).

Esse acontecimento foi de grande impacto social e ambiental e de longo alcance, tanto que repercutiu em outros países. Uma tragédia que nos doeu tanto que compartilhamos da

angústia, dor lágrimas e revoltas. Independente de nossas raízes e posição social nos comovemos com as vítimas. O produto escolhido para o trabalho de conclusão de curso surgiu motivado por esse acontecimento.

O livro-reportagem parte dessa tragédia para dar ênfase ao impacto humano deixado por esse acontecimento, por exemplo, a forma como os afetos e os vínculos sociais entre eles ficaram prejudicados; o impacto psicológico devido à perda de seus lares e de suas atividades agrícolas. Enfim, pautar o que ficará marcado para sempre na saudade, mas também ressaltar a esperança que os mantém de pé e pelo que lutam agora, o que os move depois dessa grande tragédia.

Além do aspecto histórico, o trabalho busca elucidar um pouco do que dava prazer a essas pessoas, ex-moradores de Bento Rodrigues. Mas a proposta desse livro-reportagem não é se limitar às lembranças do passado. Neste produto são contadas as lembranças do antigo subdistrito e a saudade que sentem de Bento Rodrigues. Porém seguindo o desenrolar do contexto surge também o foco no futuro, pois, por mais que tenham sofrido e pareça difícil retomar a vida onde parou, esse recomeço é fundamental e, à medida que o tempo vai passando, a capacidade de superar e seguir em frente aumenta. Então chega a hora de recomeçar e descobrir novos valores e verdades, sonhos e esperanças, por mais doloroso que seja para alguns. O problema vivido e relatado se torna uma ponte para o futuro, apesar de não se tornar possível reverter e nem recuperar o que foi perdido.

Quanto à extensão geográfica do tema, foi dada atenção ao subdistrito de Bento Rodrigues, visto que o pouco tempo de apuração disponível permitiria a opção por um lugar apenas. Este local foi o escolhido por serem esses os atingidos mais impactados. Todos foram desabrigados e trazidos para a cidade de Mariana, o que também tornou mais viável o contato com essas pessoas. Além disso, a simbologia como as construções coloniais, turismo, cachoeiras, agricultura familiar, plantação de pimenta biquinho, produção de geleias, os costumes religiosos daquele lugarejo marcaram a história de Bento Rodrigues.

A catástrofe humana causada pelo rompimento da barragem da mineradora Samarco S.A. em Mariana resultou em impactos socioambientais e econômicos. De acordo com dados do IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - documento com data de 26 de novembro DE 2015, a tragédia afetou: 663 km de rios e córregos; 1469 hectares de vegetação; 207 das 251 edificações de Bento Rodrigues; 600 famílias, as quais ficaram desabrigadas. Números e estatísticas mostrados pela mídia são importantes, mas algumas vezes mascaram alguns

problemas, como por exemplo, a dura realidade que têm vivido os que foram diretamente atingidos e que muitas vezes são colocados à margem da sociedade. Dessa maneira o livro-reportagem em questão se apresenta como uma forma de abordar a tragédia humana, já que no dia-a-dia, muitas vezes, a cobertura atém-se à superficialidade das informações.

Precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos. O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias. Por isso, nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p.18).

### **1.1. Justificativa**

O presente trabalho se justifica principalmente a partir de dois aspectos: (1) Para trazer a história, a riqueza simbólica do passado dos personagens e a atual realidade degradante em que vivem agora devido à forma como foram arrancados de Bento Rodrigues, sem direito a escolha ou recusa. (2) O trabalho faz isso por meio do livro-reportagem na intenção de salientar que não se trata da história simples e confortável, tendo em vista que há alguns desses ex-moradores em situação de sofrimento, revoltas e depressões.

Este trabalho, portanto, considera que o livro-reportagem é o meio adequado de colocar em diálogo o passado, o presente e o futuro de quem viveu, testemunhou e sobreviveu a essa tragédia. Isso, devido ao fato de possibilitar um jornalismo social, explorado de forma diferente do jornalismo diário. Um trabalho que tende a valorizar a voz de quem fala e aproximar o leitor da realidade social em que se encontram os personagens, ex-moradores de Bento Rodrigues. É espaço, também, de mostrar como lutam e têm esperança de reverter essa realidade. Espera-se que a partir desse livro-reportagem haja sensibilização e identificação do leitor com essas vítimas independentemente de sua procedência. Identifica-se, aqui, de acordo com a conceituação de livro-reportagem proposta por Lima (1993, p.15), quando diz que este “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva”.

O livro-reportagem com os ex-moradores de Bento Rodrigues pode ser considerado como uma ferramenta social, que contribui para reforçar certos valores e diminuir questões de desigualdade social. Muitas vezes, pessoas comuns têm histórias marcantes para contar e com

um olhar muito particular e deslumbrante, o que muitas vezes acaba nos surpreendendo muito mais do que poderíamos imaginar. A maneira como cada indivíduo age e comporta, tem muito da sua vivência, perspectiva e visão diante do mundo. De acordo com Eco (2003), interpretar um texto significa explicar por que as palavras podem ter uma pluralidade de formas de interpretação ou significados diferentes, devido ao excesso de significados que norteiam um mesmo texto. Há a necessidade de conhecer histórias e possivelmente descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses e outras situações vividas pelos personagens. Cada um a seu modo, com suas emoções, significâncias e verdades.

## **1.2 Problematização**

A tragédia, enquanto espaço de convívio, passa a ser espaço de construção de uma nova realidade social. Por onde começar? Qual critério utilizar para alternar entre passado, presente e futuro? Qual o maior desafio agora? Essas são algumas questões que esta reportagem pretendeu responder.

Em Bento Rodrigues as pessoas tinham uma agricultura familiar. Vizinhos compartilhavam suas plantações e com isso os gastos financeiros eram menores. Na cidade não sentem o mesmo sabor nos alimentos industrializados. A vida rural é o que gostam e na maioria das vezes não trocam seu sossego pelo barulho e costumes das cidades. O sonho da maioria desses ex-moradores é reconstruir aquilo que perderam, principalmente as casas, em um lugar com que se identifiquem, ou seja, próximo ao antigo Bento Rodrigues. Porém, todos querem abandonar o trauma, a experiência de dor, e revisitar valores, perspectivas para seguir sua trajetória e ter a oportunidade de reconstruir suas vidas e suas casas. Voltar a sonhar, apesar do trauma vivido, superar e lutar por um futuro digno.

As personagens de quem a reportagem trata são seres com sentimentos de tristeza, dor, saudade, esperança, mágoa, revolta. Pessoas que tiveram suas vidas modificadas bruscamente, que enfrentam problemas políticos e sociais e, por alguns, são vistos não como vítimas, mas sim, como culpados ou parte da culpa. Um dos maiores problemas sociais é a ignorância e a intolerância, talvez por não se importar em conhecer a história do outro. O jornalismo aqui se faz presente com seu papel social de interpretar, possibilitar reflexão e promover informação, e não apenas como uma forma de mediação comunicacional, mas também que produz sentidos, informa e contribui para contextualizar um acontecimento.

### **1.3. Objetivos**

O tema é denominado jornalístico porque trata de acontecimentos reais, com pessoas reais. O objetivo central é buscar levar a sociedade a perceber como a tragédia do rompimento da barragem impactou completamente o espaço, a rotina e o futuro das pessoas daquele povoado. Pretendeu-se com este trabalho, portanto, harmonizar as informações de maneira a se criar um fluxo narrativo o mais próximo possível do jornalismo literário - a literatura da realidade. Uma modalidade da prática jornalística com histórias não ficcionais sobre temas reais.

#### **1.3.1 Objetivos Gerais**

Elaborar um livro-reportagem que contemple aspectos históricos, simbólicos e econômicos relativos aos sobreviventes da tragédia provocada pela mineradora Samarco S.A. Aqui cada personagem é um autor protagonista e cada um com experiência, peculiaridade e maneira distinta de relatar a tragédia, o presente de lutas e os sonhos para o futuro, reflete o jornalismo literário ao passo que implica visões e emoções amplas, provocando o imaginário do leitor.

#### **1.3.2 Objetivos Específicos**

O propósito com esse livro-reportagem é contribuir e tornar compreensível a necessidade de ouvir e entender o "mundo" daqueles que vivenciaram esse horror, essa brutalidade ocasionada pela negligência e desrespeito à comunidade rural. Neste caso são especificamente, as vozes de Bento Rodrigues contando por variados vieses, marcas deixadas pelo trágico acontecimento que foi o rompimento da barragem. A intenção é a partir da realidade de cada pessoa entrevistada exteriorizar ao leitor a realidade, cenas e os diálogos, dinamizando os relatos e permitindo ao leitor acompanhar de forma fluente a construção dos acontecimentos e as particularidades de cada personagem.

### **1.4 Contextualização**

O produto idealizado é um livro-reportagem trazendo à tona o que a saudade faz lembrar e aquilo por que ansiar após todo trauma vivido. Além da reportagem diária que compõe páginas de revistas, jornais, sites, rádios e programas televisivos, existe também o livro-

reportagem, gênero jornalístico mais aprofundado que a reportagem diária. Exige maior apuração e um olhar diferenciado sobre certo tema. Livros como *Abusado*, de Caco Barcellos, *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum, e *Vozes de Tchernóbil*, de Svetlana Aleksievitch, são exemplos de grandes reportagens. Seguindo essa linha de pensamento sobre o livro-reportagem, é válido ressaltar que a função do jornalista também é a investigação, por isso um investimento em livros reportagens é essencial para informar com qualidade, transparência e ética, e conseqüentemente impactar a vida dos personagens e leitores.

O foco foi registrar através de alguns dos ex-moradores de Bento Rodrigues o que guardam na lembrança de mais precioso dos anos lá vividos, aquilo que vai ficar marcado, como por exemplo, um momento de descontração no lugar preferido; uma planta; um banco de madeira; ou rosto que nunca mais será visto ou acariciado. Deixar no papel um pouco de nostalgia, “grandes emoções e momentos” perdidos e que o tempo não poderá trazer de volta. Sem deixar de mencionar que, como todo ser humano, eles também têm sonhos, sonhos que sobreviveram à lama, e que, mesmo vivendo em casas que não são suas e sem conseguir ter a normalidade de antes, distantes uns dos outros e cheios de incertezas, esperam ansiosamente pelo futuro. Levar ao leitor também a perspectiva dos ex-moradores do que ainda está por vir.

## 2. LIVRO-REPORTAGEM: CONSTRUÇÃO E NARRATIVAS

### 2.1 O Livro-Reportagem e o Jornalismo

Escrever um livro sobre pessoas comuns pode se tornar relevante ao passo que tende a nos fazer abrir os olhos, prestar atenção e dar maior visibilidade àquilo que está ao nosso redor. Brum afirma que não existem pessoas comuns.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. (BRUM, 2006, p.22).

O repórter se ancora na pauta para fazer seu trabalho, que além de orientar, agiliza o processo de construção da matéria. A forma de obter as informações está concentrada nos relatos do entrevistado. Nilson Lage no livro *A Reportagem - Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística* (2001) fornece orientações para a hora de fazer uma entrevista, um verdadeiro manual mostrando que o jornalista deve anotar palavras chaves, indicando os principais temas na sequência que ocorreram, também fazer uma pesquisa para ter ideia do que vai perguntar e formular novas perguntas a partir das respostas. O jornalismo é um dos meios por onde a informação circula, por isso o repórter deve estar sempre orientado pela ética da profissão e pelo respeito às fontes e informações recebidas. Cabe aqui lembrar que o livro-reportagem comporta adaptações mais criativas e permite abordagens aprofundadas, pois, vai além do jornalismo diário. Essa junção entre literatura e jornalismo pode aguçar mais o leitor. “Reportagem é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE, 2001, p. 112).

O advento do *New journalism*, na década de 60 após a segunda guerra mundial, marcou o início de uma nova maneira de fazer jornalismo, onde as edições de livro-reportagem começaram a crescer passando a apurar mais os acontecimentos e a contar também com elementos de ficção. O livro-reportagem pode ser considerado como um jornalismo que trabalha diversos pontos de visão e abre os olhos para uma possível realidade. Por não ser tão imediatista ele pode ser mais inspirado e criativo. Partindo disso, percebemos a importância da apuração, visto que sem ela não se constrói o texto. Na obra *Livro-Reportagem* (2006), de Eduardo Belo, a apuração aparece como o mais importante para o jornalismo. Ainda falando

de apuração, é importante não deixar passar nenhum detalhe despercebido, ou acreditar que não seja relevante. O jornalista pode escrever fora dos padrões estabelecidos pelo jornalismo tradicional e ainda assim continuar a serviço da realidade; e o leitor pode ser informado de forma mais instigante.

Todo livro deve ser um trabalho bem consciente e de caráter crítico. Uma importante observação é perceber o quanto é necessário dar credibilidade ao entrevistado e mergulhar na sua história para abstrair dela o melhor e não apelar para sensacionalismo nem falsas comoções, acreditando que é possível construir uma boa história sem manipular o caráter da informação. Idealizar um livro-reportagem com os ex-moradores de Bento Rodrigues é pensar uma narrativa que traga um pouco da memória para o tempo presente, amarrando-a com a luta pela construção do futuro. Além disso, ir além da lembrança e do esquecimento para tecer o ato do futuro. A partir da reflexão crítica de Gagnebin (2006), de que há a necessidade para o entrevistado de narrar o trauma vivenciado, desabafar e falar de sua dor para à partir daí renascer, não resta dúvidas de que para alcançar esse objetivo a angulação precisa oferecer mais que o óbvio ou convencional. Partindo dessa reflexão, surge o pensamento de que durante a produção de um livro-reportagem torna-se possível um elo entre o narrador e o repórter, porque ambos se encontram no mesmo universo, compartilhando da mesma história. E, sendo assim, cabe trazer para dentro desse universo um olhar subjetivo, criando a empatia necessária para o sucesso da narrativa à partir da imersão do repórter na história.

O novo jornalismo permite, na verdade, exige uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE, 1972, p. 9).

Portanto a intenção foi adequar a linguagem ao tipo de ambiente e vivência das pessoas de Bento, utilizando a forma de linguagem dos moradores para relatar a realidade e a cultura daquele povo. Assim como no livro *Abusado*, de Caco Barcellos. Pensando através dessa obra é possível trazer para o livro o lado da cidadania, simplicidade e companheirismo que envolvem os ex-moradores do Bento. Independente de suas carências sociais e econômicas, Bento Rodrigues foi também um lugar de agregação coletiva, laços e sociabilidade para um quem lá viveu. Não se trata aqui de romantizar ou superestimar os personagens, mas, expor a



realidade, as expectativas, sensações e pertencimento vivenciados por cada um, sem bandeiras.

## 2.2 Reportagem

A definição dos diferentes tipos de gêneros jornalísticos está associada à natureza dos acontecimentos, ao grau da pesquisa efetuada e ao tratamento dado à informação. Desde 1950 revistas como *O Cruzeiro*, *Realidade e Veja* começaram a dar destaque a outros gêneros jornalísticos, influenciadas principalmente por empresas de jornalismo norte-americanas. Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese foram alguns jornalistas destes periódicos com publicações que marcaram época.

O tempo todo estamos envolvidos em diversas situações em que a comunicação se faz necessária. Pensando nisso, percebemos a importância dos gêneros jornalísticos, que exercem grande função social. Os gêneros jornalísticos podem ser divididos em duas grandes categorias: os gêneros que compõem o formato opinativo e os gêneros que constituem o jornalismo informativo. No jornalismo opinativo, as opiniões do autor do texto ficam explícitas; no jornalismo informativo, os textos têm como objetivo narrar acontecimentos.

A reportagem é o formato textual escolhido para esse livro-reportagem. Permite uma maior criatividade para contar a história, segundo um ângulo escolhido pelo jornalista. Ela vai além do factual, aprofundando o fato, trazendo declarações de todos os envolvidos. Exige que o jornalista acompanhe o fato de perto, investigando suas causas e efeitos na sociedade. Esse gênero é mais presente nas revistas e livros.

De acordo com Lage:

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2001, p. 31)

O jornalista tem que ir ao local onde os fatos ocorreram e manter os sentidos em alerta. Também deve ser usado o estilo direto de escrita, na maioria das vezes, usando o tempo presente, e usando referências como imagens e expressões, respeitando aos fatos e aos

acontecimentos. Assim como a entrevista, uma reportagem também deve ser preparada, pois envolve investigação, seleção das fontes, leitura de documentos e conversa com os diferentes personagens envolvidos na história. Investigação, definição de um roteiro escolha do ângulo/tema e documentação também são essenciais para a produção de uma boa reportagem.

A reportagem deve começar de um modo que prenda a atenção do leitor. Compete ao jornalista selecionar para o início algo que desperte de imediato a atenção e a curiosidade do leitor.

### **2.3 Narrativas**

No mundo atual, o jornalismo ainda preserva o seu dever de informar e orientar, debruçando-se sobre a ocorrência social e destacando os acontecimentos do cotidiano da sociedade. Devido à proliferação dos meios impressos, narrar deixou de ser um ato apenas do campo da oralidade e ganhou seu espaço em veículos de comunicação escritos. No jornalismo, as narrativas tendem a ser naturalmente híbridas e estão presentes em todos os gêneros no momento em que o autor descreve uma história: os personagens, o ambiente, as mudanças e os conflitos.

Para Sodré e Ferrari (1986, p. 11) a narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Para que uma narrativa exista é necessário responder perguntas como: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? Além disso, necessita conter elementos descritivos de detalhes do entrevistado, diálogos e expressões corporais, faciais, postura, o jeito de mexer no cabelo, características de objetos e lugares, ou seja, o registro de tudo que possa ser considerado relevante para a narrativa. Características físicas como estatura, cor dos olhos e caracterizações baseadas na forma como eles interpretam suas histórias e como se comportam durante a entrevista. Linguagem, vícios, timidez, insegurança, confiança, simpatia, entre outros. Influências que podem permitir ao leitor criar certas expectativas e, ou, definir o tipo de pessoa descrita.

Como diz Peres (2015, p. 95) no artigo *Narrar o outro: Notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas* “Coisas aparentemente desimportantes, uma certa 'significação do insignificante' estão presentes na história do narrador e de muitas maneiras na coisa narrada e aí residiria a potência narrativa, inclusive no jornalismo”.

No mundo atual, o jornalismo ainda preserva o seu dever de informar e orientar, debruçando-se sobre a ocorrência social e destacando os acontecimentos do cotidiano da sociedade. Mesmo não sendo feita em primeira pessoa, a narrativa pode carregar em seu discurso um tom impressionista, com intuito de facilitar a aproximação entre o leitor e o acontecimento.

Em gêneros como a reportagem tornou-se possível construir narrativas jornalísticas a respeito de fatos do cotidiano. No jornalismo, as narrativas estão presentes em todos os gêneros no momento em que o autor descreve uma história com os personagens, o ambiente, as mudanças e os conflitos.

De acordo com Fernando Resende a narrativa se constrói na relação com o outro:

O lampejo da expressividade dá-se na relação, no contato entre o que se vive e a língua — elementos que são frutos de um constante atrito entre a experiência individual e a que se tem com o outro. Nesse lugar onde os eus se encontram, constroem-se discursos que, uma vez tecidos, refazem-se em narrativas. As histórias, tecidas por sujeitos-protagonistas, são produzidas e, ao mesmo tempo, produtos desse lugar. (Resende, 2009, p.39)

## 2.4 Narrativa Literária

A construção da narrativa jornalística literária produz sentido por meio de expressões narrativas não factuais e ficcionais, visto que a literatura visa contar histórias, e busca entender como sujeitos sociais constroem seus significados por meio da compreensão e expressão da realidade.

Para Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo literário é o principal fator que atrai os escritores até as redações de jornal, e, conseqüentemente, transporta a literatura para as páginas impressas do jornalismo (LIMA, 1995, p.136). Ambos se diluem ao acrescentar criatividade e habilidade narrativa a uma realidade cotidiana e têm muito a contribuir e partilhar entre si.

Esse tipo de narrativa possibilita envolvimento maior do leitor com a história, sem deixar de reportar ou apurar determinada notícia. Ampliando assim o contato entre a reportagem e o leitor.

Pena comenta:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba

constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, P.13)

A literatura no livro-reportagem ajuda a transformar um fato em história. Abusado, de Caco Barcelos é um exemplo disso. Utilizou-se de elementos literários para desenvolver a narrativa e humanizar os personagens, sem perder a objetividade dos fatos apresentados.

### 3. TRAUMA

Na altura em que os acontecimentos indesejados ocorrem na grande maioria das vezes, ficamos com uma ideia acerca do quanto isso nos afeta, ou pode vir a afetar um dia. Independente de nossa experiência de vida, crenças e modo de pensar, desempenhamos um papel importante. O trauma pode se fazer presente pelos relatos de angústia, luto, medo. Para pautar isso é preciso compreender a experiência traumática do outro.

Trauma é algo que pode ser também definido como uma ferida, uma história gerada por um choque. Qualquer um que se dirija a escrever uma possível história do trauma estará debruçando-se em histórias de feridas que não cicatrizaram, de desencontros com o real. “Uma pessoa ferida é uma pessoa partida, machucada, cindida. o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 65).

Os marcos da tragédia que eliminou o subdistrito de Bento Rodrigues, deixou sobreviventes que sofrem em busca de algum sentido. Pessoas hoje sensibilizadas por ausências: ausência de perspectivas, ausência de projetos, ressentimentos e abandono; época marcada pela dor. Apesar de muitos descasos por parte da sociedade, nas entrevistas ficaram perceptíveis, de maneira geral, a perseverança, aprendizado, resistência e crescimento. Eles buscam portas e não muros. Grande parte dos atingidos pela barragem da mineradora Samarco não se mantém preso, restrito à tragédia, e sim estão abertos a uma nova possibilidade e formas de ser e viver. A maneira como olham para os acontecimentos e como os avaliam, apesar do impacto emocional que ainda têm, contribui para a tomada de decisão e estratégias para lidar com a nova situação em que se encontram: sem casas, pertences... Sobrevivendo. São vítimas, mas da dor extraem forças para superar o que aconteceu expressando sentimentos de coragem, orgulho, e superação. Apesar dos obstáculos encontram estratégias para mudar a situação e lutam para ressignificar suas vidas.

O livro *O Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, conta histórias de experiências traumáticas, em que o esforço organizado e com intuito de exterminar todo um grupo humano foi bem sucedido por um longo período. Foram experiências traumáticas, tanto individuais quanto coletivas. Isso traz a reflexão sobre a ponderação na abordagem, a necessidade de se deter mais à escuta, atenção e recepção. Nesse momento é necessário entender que o personagem está falando dele, expressando sua capacidade de refletirmos sobre aspectos da

alma humana. Portanto, podemos entender que o acontecimento traumático lança o sujeito em um universo de dor que não pode ser facilmente compartilhado. A pessoa traumatizada viveu do outro lado, algo que causa estranhamento e que parece ser o lado contrário da vida. “Para o sobrevivente sempre restará este estranhamento do mundo advindo do fato de ele ter morado como que do outro lado do campo simbólico” (SELLIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Seligmann também pauta a importância na hora de narrar trauma: “O sobrevivente, como o tradutor, está submetido a um duplo vínculo. Enquanto aquele que traduz deve se submeter, ao mesmo tempo, sem esperanças de uma trégua, à ditadura da língua que traduz e a da língua para qual está traduzindo” (2008, p.65). Narrar o trauma, então, através dos testemunhos, implica a necessidade de testemunhar, algo fundamental para o sobrevivente que procura descrever suas próprias percepções e sentimentos referidos ao trauma sofrido. À medida que relata, trazendo sob a forma de lembranças o acontecimento, o personagem descarrega parte do tormento que o consome. De acordo com o pensamento de Seligmann, podemos perceber que escrever um testemunho ajuda a lidar com as sensibilidades alheias. Daí a escrita permite registrar algo do próprio autor, criando também uma via de comunicação, de compartilhamento com o leitor.

### **3.1 Testemunha**

Além da dificuldade em narrar o trauma, a pessoa se depara com outro problema que é encontrar alguém disposto a escutar atentamente sua história. Não basta escutar, mas também envolver-se com aquilo que é compartilhado através da narrativa. Ao escutar, o ouvinte é automaticamente transformado em testemunha, e passa a carregar também a responsabilidade por aquilo que testemunhou. Para Brum, o ato de se colocar no lugar do outro para a escuta deve ser transformador: “... De um jeito sutil e criativo, contam histórias de gente, compartilhando um olhar amoroso a respeito de mundos e personagens normalmente esquecidos ou silenciados” (2011, p.308). A partir desse pensamento conclui-se que escutar é se empenhar em carregar consigo parte da responsabilidade por aquilo foi testemunhado. É tornar-se testemunha também e ser mediador e suporte de algo. Por isso deve-se ter o cuidado de não tornar o trauma ainda mais destrutivo para a vítima. A incompreensão pode fazer com que o traumatizado sinta-se em situação de desamparo e incompreensão. Se aquele que poderia ajudá-lo a processar o excesso de realidade do evento traumático o trata com descrédito, as consequências para o sujeito traumatizado podem ser ruins.

Devemos considerar que testemunho envolve mais de uma pessoa, já que o que participa do ato também dá testemunho e que testemunhar implica relatar, descrever a catástrofe. Para isso é necessário a renúncia de qualquer atitude que distorça a legitimação relatada. Conclui-se que testemunhar não é mera reprodução do traumático, trata-se de algo muito mais complexo porque a escrita ganha valor a partir do outro. Um testemunho pode ser visto como um documento, em que o autor participou de determinado acontecimento e, por isso, pode testemunhar o que sofreu e presenciou. Tudo isso necessita ser bem pautado para que o leitor também dê o devido valor ao acontecimento.

#### **4. PROCESSO METODOLÓGICO**

A metodologia foi a abordagem através de entrevistas com ex-moradores de Bento Rodrigues, em que narram suas histórias mais saudosas, a vida atualmente e os anseios para o futuro. Aqui a idade, característica física, econômica e social não são critérios de escolha dos personagens. É preciso estar disposto e aberto para entender as particularidades de cada pessoa, e assim conduzir o trabalho respeitando suas maneiras particulares de envolvimento, visão e sentimento. Segundo Resende (2009, p.38), “o jornalista, quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades de encontro. Articulando-se no tecido da vida, ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve”.

Em um livro-reportagem, o texto oferece ao autor margens diferentes de construções, que possibilitam um mergulho nos fatos e por isso podem se tornar um extensor do jornalismo cotidiano. A reportagem com os ex-moradores de Bento apresenta o assunto a partir de um ângulo pessoal, em que o principal elemento de trabalho é a entrevista. Sodré e Ferrari informam que no jornalismo “a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia” (1986, p.75). Dentre outras características relatadas também estão “a humanização do relato e o texto de natureza impressionista” (p.15).

##### **4.1 Estrutura**

Edvaldo Pereira Lima indica que o trabalho de um autor de livros baseados no real possui uma série de liberdades inexistentes nos trabalhos em redações de jornais, como a liberdade para definir o tema que será abordado, estabelecer as angulações descomprometidas com os interesses dos níveis grupais (a empresa jornalística), de massa (o público-alvo) e pessoal (os interesses do próprio autor, muitas vezes condicionados pelos interesses da empresa para a qual trabalha), escolher as fontes a serem entrevistadas, o tempo que o livro irá abordar. Ater-se a tudo isso se torna necessário para imersão total do repórter no trabalho de captação das entrevistas, porque na história de cada personagem, cada detalhe pode ser importante.



O foco foi escrever o livro-reportagem dividido em três partes. A primeira, dedicada ao impacto que foi para os moradores de Bento Rodrigues a tragédia histórica - o rompimento da barragem de rejeitos da barragem de Fundão na Mineradora Samarco. Nesse primeiro momento aparecem dados do impacto, principalmente o humano; saber como foi para os sobreviventes esse impacto em um primeiro momento. A mistura de emoções, o trauma diante de tantas perdas materiais e emocionais provocadas pelo tsunami de lamas, a memória carregada de perturbações, imagens, sons, irritabilidade desespero, pânico. Lembranças específicas do que foi sobreviver a um drama terrível.

Na segunda parte os relatos de ex-moradores de Bento contando o que essa tragédia levou de mais precioso da vida e da história de cada um. Descrever seus sonhos, suas esperanças, suas lutas, valores morais e afetivos perdidos. A ideia foi na segunda parte criar elementos conflituosos entre tempo passado e presente, começando com a dor das perdas, sejam físicas, emocionais ou materiais e como aceitam e convivem com essa mudança radical em que foram lançados.

A terceira parte trata do futuro, da esperança, dos sonhos, das expectativas que esses personagens têm; principalmente como pretendem seguir em frente se apoiando na superação e nos vínculos mantidos mesmo morando em bairros diferentes. Um acordo entre Samarco, Vale do Rio Doce, BHP Billiton e os governos federal e estadual definiu a construção das moradias na nova comunidade com previsão de conclusão até 2019, em terreno localizado a cerca de oito quilômetros do centro histórico de Mariana e nove quilômetros do antigo Bento Rodrigues. Apesar da espera de longo tempo, maior parte dos atingidos tem o desejo de que aconteça logo o reassentamento da comunidade e que o lugar seja idêntico ao que foi destruído, para plantar, colher e viver em paz no campo.

## **4.2 Recursos de Linguagem**

No trabalho das entrevistas a linguagem não se caracteriza apenas pela forma clássica: pergunta-resposta, mas também admite os gêneros de narração e descrição. Essa escolha deve-se ao fato de que trata-se de relatos de memórias, sentimentos e de esperanças, e, devido a esses fatores o personagem precisa de espaço e autonomia para desenvolver os relatos através das lembranças.

A fala dos personagens aqui é incorporada à narrativa jornalística também por meio de diálogos, depoimentos e declarações, posteriormente editadas e transformadas para se adequarem ao formato da língua escrita. Porém neste livro-reportagem algumas falas serão preservadas para expressar a forma linguística regional e a simplicidade daquele povoado. Nesse contexto, a maneira de falar de cada personagem se faz um importante elemento de construção de sua identidade.

### **4.3 Apuração**

O processo de apuração do livro-reportagem possui vantagem ao formato do jornalismo diário, por proporcionar maior apuração. Se utilizando dessa possibilidade e espaço, a reportagem em questão faz uso de memória, documentação e diversidades de vozes. O presente trabalho expõe o objeto, ou seja, os relatos de alguns personagens que em alguns momentos se entrelaçam e farão sentido no decorrer do texto.

Busca também manter linguagem jornalística compreensível ao público geral; fazer narrativa coesa; demonstrar, por meio de um resgate cronológico contextos importantes para a região de Bento Rodrigues; entender como ocorreu o processo da tragédia, pelo fator humanizado, ou seja, dar importância maior ao trauma vivido pelo ser humano, e principalmente, saber suas perspectivas de futuro. Assim, também, contribuir com a preservação da memória local a partir das informações contidas no texto. Para isso, o trabalho demanda ouvir pessoas, ex-moradoras de Bento Rodrigues que estiveram diretamente envolvidos no acontecimento.

A catástrofe tem se tornado cada vez mais um evento comum de ouvirmos nos meios de comunicação, que, muitas vezes poderiam e deveriam ter sido evitados. Em alguns casos a tragédia é provocada por falta de conhecimento, informação, treinamento, por interferência da ação humana e mais uma gama de possibilidades que de alguma forma poderiam ter preservado do sofrimento muitas vidas.

## 5. DIÁRIO DE BORDO

Não houve um número demarcado de abordados. Quanto mais informações melhor a fim de que seja abstraído o mais relevante para o contexto da reportagem. A maioria dos entrevistados reside por enquanto na cidade de Mariana-MG, assim o trabalho se torna mais viável.

Antes de iniciar as gravações, houve um momento de conversa onde me apresentei, isso aconteceu com todos os entrevistados. Apesar de já ter mencionado sobre o meu curso e o propósito da abordagem, através do contato pelas redes sociais e telefone, novamente discorri. Somente depois de estabelecer um pouco de aproximação, pedi permissão e liguei o gravador.

A intensidade, duração e frequência das entrevistas variam em decorrência da disponibilidade e história de cada pessoa. Os locais, horários e dias das entrevistas são definidos pelo entrevistado, assim como a condução da conversa. Além da vida simples em comum, em cada encontro surgem novidades, personalidades e prioridades diferentes.

O passado parece ser uma sombra permanente. Isso ficou claro durante as entrevistas com as irmãs Sandra e Teresinha Quintão; com Marinalva; seu Zezinho e o casal Mônica e Roni. Em seus relatos todos enfatizam por várias vezes o quanto a barragem destruiu a história deles. A tragédia é algo muito presente para todos, independente do tempo decorrido. A sensação é de estarem de alguma forma imersos na catástrofe e que, por mais que tentem, dificilmente conseguirão sair dela.

Para empregar a metodologia de entrevista, foi importante estudar algumas obras como: *Abusado – O dono do morro dona Marta*; *A vida que ninguém vê*; *O espetáculo mais triste da Terra*; *Holocausto brasileiro*. Assim ficou mais fácil conduzir com segurança e de forma correta as entrevistas. Nessas obras percebe-se o quanto o processo de apuração, pesquisa e entrevista foram bem desenvolvidos, a fim de obter quantidade e qualidade no produto. Mostram que é preciso conquistar a confiança dos personagens e encontrar uma forma de fazê-los se sentir à vontade para começar a falar. São livros-reportagem com personagens humanizados com os quais o leitor pode se identificar. Em ambos a objetividade jornalística está sempre relacionada com os métodos de produção da reportagem

No dia 15 de setembro de 2016, às 17h, foi realizada a primeira entrevista com a ex-moradora de Bento Rodrigues Marinalva dos Santos Salgado, que mora atualmente na Rua São Bernardo, no Bairro Vila Aparecida. Encontrei-a sentada na entrada de sua casa em

companhia de alguns netinhos, como se já estivesse esperando por mim. Durante a entrevista que durou 40 minutos, muito educada e tranquila ela contava saudosa sobre sua vida no “Bento”- forma carinhosa pela qual os ex-moradores se referem ao antigo povoado, por várias vezes era interrompida pela vontade de chorar e recorria ao cigarro, como se fosse um alento.

Em 16 de setembro, as entrevistadas foram as irmãs Sandra e Terezinha Quintão, às 14h, na Rua Santana, localizada no Centro de Mariana. Elas estavam fazendo doces e salgados, pois, tinham encomendas para entregar naquele dia. Na casa mora Sandra, que disse estar olhando outro lugar porque a cozinha era pequena demais pra ela trabalhar suas encomendas de doces e da famosa coxinha. A entrevista aconteceu na cozinha mesmo, enquanto elas preparavam os quitutes. Sandra era toda emoção, por muitas vezes chorava e falava de sua revolta com o que aconteceu. O suor do calor do fogão e da força feita para misturar aqueles tachos enormes de doces se misturava às lágrimas de saudades do seu “inesquecível Bento Rodrigues”. O que Terezinha mais deseja é ver sua casa pronta e disse que vai soltar até foguete na hora em que pegar as chaves. Seu sonho é ver a família toda reunida novamente. Terezinha não se acostuma com a rotina da cidade.

Mônica, esposa de Roni, motorista de ônibus interurbano, foi a terceira entrevistada, também no dia 16 de setembro. Ela mora no Bairro Cabanas. Estava com seus dois filhos, Lucas, de 7 anos, e Luan, de 4 anos. A entrevista seguia enquanto os meninos brincavam na sala da casa. Não paravam um minuto. Curiosos, porém tímidos, não quiseram colaborar com a entrevista. Mônica, a mãe, foi quem contou um pouco sobre a história deles no antigo Bento e o quanto todos na família ficam perdidos nos finais de semana, que eram todos vividos lá. “Aqui em Mariana a gente não tem nada pra fazer”, disse Mônica.

José do Nascimento, o Seu Zezinho, foi entrevistado na semana seguinte, em uma sexta feira, 23 de setembro. No momento marcado para a entrevista, não estava em casa, estava em campanha eleitoral, pois concorria ao cargo de vereador em Mariana, mas depois de uns 25 minutos chegou com sua esposa, a Sra. Irene. Pai de cinco filhos - todos casados e morando em outras cidades - ele e a esposa vivem atualmente no bairro Dom Oscar, onde conseguiram um cantinho para cultivar alguns poucos canteiros de verduras que já estão aptos para o consumo. Não abrem mão de terem pelo menos um pouquinho de terra que lembre a fartura de alimentos que tinham na horta da casa em Bento Rodrigues. Havia 49 anos que o Sr. Zezinho morava em Bento Rodrigues. Durante a entrevista mencionava muito o convívio agradável que tinha no Bento, onde, segundo ele, os vizinhos se ajudavam sem nada em troca.

Falou também sobre o quanto trabalhou como voluntário na construção de algumas casas naquele povoado.

O Sr. José das Graças Caetano também foi um colaborador para minha reportagem. A entrevista que estava marcada em sua casa atual no Bairro Rosário, em três de novembro, acabou acontecendo na Arena, espaço dedicado ao esporte e lazer em Mariana. Zezinho Café estava lá juntamente com uma multidão de pessoas, em uma concentração que precedia o ato marcado para o dia 5 de novembro: “Um ano de lama e luta”. Uma marcha por justiça dentro da cidade de Mariana e também teatro nas ruínas de Bento Rodrigues, marcando exatamente um ano da tragédia. Por causa do barulho muito alto dentro do ginásio, fomos para o lado de fora e sentados no chão, numa sombra projetada por um ônibus em um meio fio, pois o dia era de muito calor, começamos então nossa entrevista.

Nascido e criado em Bento Rodrigues, Zezinho Café lamentou muito as perdas que teve, principalmente das galinhas de que cuidava todo dia ao amanhecer. A solidão também é algo que o incomoda na cidade, pois mesmo já sendo separado de sua esposa em Bento, ele nunca estava sozinho, era sempre rodeado pelos filhos, netos e amigos. Já em Mariana todos moram distantes e raramente se veem. Ele ri quando diz que não se esquece do quanto xingou os bombeiros e a polícia enquanto ainda se encontrava no mato no dia da tragédia, pois estava ocioso e achando que o socorro demorou muito para chegar. Seu maior medo era que muitas pessoas estivessem embaixo da lama precisando ser salvas e que a ajuda viesse tarde demais.

Depois de algumas tentativas frustradas, consegui entrevistar Paula Alves, em 05 de janeiro deste ano. Tive a oportunidade de entrevistar também seu pai, Antônio Alves, pois Paula tinha saído e enquanto aguardava sua volta, aproveitei a companhia do pai que também me concedeu entrevista. Paula mora com o filho João, a mãe, o pai e mais algumas pessoas da família, na Rua Luci de Moraes, bairro Santana. O Sr. Antônio sente falta da tarde de bate papo com os amigos na pracinha de Bento, já Paula sente falta da tranquilidade e segurança que as pessoas podiam desfrutar no povoado e não vê a hora de voltar para a roça.

Algumas entrevistas não aconteceram, como por exemplo, com o Wellidas, conhecido como Preto, com quem marquei duas vezes, mas ele não compareceu. Também aguardei respostas de outras pessoas a quem fiz o convite, mas algumas disseram não ter tempo e outras sequer responderam. No entanto, as entrevistas realizadas foram conduzidas tranquilamente, não houve nenhum problema quanto ao percurso.

As formas de contato com os personagens do livro se deram através de telefone e redes sociais: Whatsapp e Facebook, e para captar as entrevistas o material utilizado foi o gravador de voz. O acesso às residências foram tranquilos e todos se dispuseram a fornecer quaisquer informações, que porventura venham a ser necessárias acrescentar à reportagem.

Ficou notório nas entrevistas que todos anseiam que suas casas fiquem prontas logo. Mas não querem um “Novo Bento” e sim um lugar que se identifique muito com o “Velho e tranquilo Bento Rodrigues” onde viviam. O projeto agradou, e, mesmo sendo mais distante da cidade histórica de Mariana que era o antigo povoado, a maioria espera pelo reassentamento e que seja um bom lugar para viver e plantar.

Mônica Gomes ofereceu fotografias de Bento Rodrigues que tem guardadas em seus arquivos pessoais, são registros que definem o vilarejo antes e depois da tragédia. As imagens dos personagens são de arquivos pessoais, achei mais apropriado para que cada um estabeleça ainda mais sua relação pessoal com o livro. O objetivo é que o livro seja visto por eles como algo bem familiar, parte de suas identidades.

É claro que deu um trabalho a mais para a amiga e companheira de turma, Camila Gonçalves, que elaborou o projeto gráfico do meu livro. Mas com carinho e criatividade as imagens foram alinhadas.

A capa do livro é uma imagem também cedida pela Mônica Gomes. Escolhi essa fotografia por causa de sua expressividade. A lama que ocupa a maior parte da fotografia lembra o drama ocorrido e que ainda traz muitos desafios para os ex-moradores. Uma pessoa de costas, andando sobre a lama em direção a um lugar limpo e verde remete ao sonho que têm de apagar de suas vidas esse dia horrível. E bem mais à frente um céu azul que ainda parece distante da realidade de quem sobreviveu ao caos.

A letra da música “Tragédia em MG”, de Mc Dick MF, foi escolhida para finalizar o livro, pois retrata a dor e o desespero vivenciados pelos sobreviventes.

Ao final de tudo ficou a certeza de uma coisa: nossa reação faz a diferença diante de situações novas. Ao conversar com os personagens do meu livro, fui descobrindo aos poucos que mesmo convivendo durante toda minha vida com pessoas da zona rural, não fazia ideia do

valor que o povoado de Bento Rodrigues possuía para quem ali morou. Cada animal, cada planta, tudo... Havia lá coisas impagáveis.

Minha visão particular aos poucos foi se moldando e sabedoria foi o que adquiri quando me dispus a compartilhar das aflições, apegos e desabafos do outro.

A arte de entrar na vida alheia e enxergar as pessoas por trás da matéria foi o que aprendi durante as entrevistas com as pessoas do “Bento”. Romper com qualquer preconceito, não me deixar levar pelas banalidades, pelo óbvio ou pelos rumores que norteiam a cidade. E então, vazia de preconceitos busquei enxergar cada um com suas decepções, necessidades, dores e sonhos. Perceber gestos, detalhes, expressões e me atentar não somente ao que foi falado, mas também ao que disse cada silêncio. Homens e mulheres comuns, anônimas, mas que ao mesmo tempo se tornaram heróis pelas suas histórias.

## 6. QUESTIONAMENTOS

Perguntas específicas sobre o assunto surgiram durante o processo de produção: Como tratar o problema? Como selecionar fatos históricos, acontecimentos e fontes diferentes de maneira que não se perca o fluxo narrativo? Como manter a linha e o enfoque na história de maneira a não torná-la maçante? Em um plano mais amplo, do livro-reportagem, inquietou bastante também a questão relacionada à maneira de fazer com que a história de uma ou mais pessoas que se relacionaram pela convivência em um mesmo lugar e que fizeram parte do mesmo contexto social traga proximidade para os leitores. Buscar pela compreensão permitir que esses leitores também se relacionem em algum momento ou aspecto com a história contada.

Para responder tais questionamentos é preciso entender que pessoas com experiências de vida negativas geralmente são mais vulneráveis e por isso é preciso saber lidar com a situação e entender seus possíveis conflitos. Os diálogos não podem ser forçados e precisam revelar muito sobre os personagens a partir do que eles dizem, respeitando sempre o que escolhem deixar de falar. Para prender a atenção do leitor, é necessário se certificar de que os elementos usados na reportagem tornam a história interessante.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto proposto se apoiou na ideia de que é possível fazer um jornalismo com relevância social, abordagens simples e humanizadas que valorizam a singularidade de cada personagem. Desde o momento inicial que foi pensar o tema do livro, passando pelas entrevistas até chegar à produção final, o objetivo foi trabalhar em uma reportagem que tivesse a identidade dos ex-moradores de Bento Rodrigues, no qual eles possam se enxergar. Também houve a preocupação em permitir que o leitor se aproxime da realidade das histórias contadas.

Cada abordagem se transformou em um grande aprendizado. Adentrar em perspectivas de vida diferentes da nossa é tocante e proporciona reflexões, não somente para quem escreve, mas também para quem lê.

Escrever sobre histórias de vida de pessoas de Bento Rodrigues foi uma rica experiência e ótima oportunidade para ampliar os conceitos dentro do campo jornalístico.

Após o caminho percorrido durante o curso acadêmico e após o processo de construção do livro-reportagem, fica a sensação de dever cumprido. Medos e desafios foram superados, acredito que obtive um resultado positivo, visto que ficaram aprendizados e experiências qualitativas. Depois de mergulhar em ambientes diversos e conhecer muitas histórias, algumas questões ficam no imaginário. Mas, considero questionamentos algo importante para que não seja esse o final do caminho.

O livro-reportagem: “Bento Rodrigues: Vidas e sonhos fragmentados pelo caos”, é um retrato real do sofrimento de um povo. Foi uma escolha compulsória, motivada pelo lamentável tragédia ocorrida, que foi o rompimento da barragem de Fundão. Essa escolha me motivou a pensar de múltiplas maneiras as questões como afeto, humanidade, responsabilidade, hegemonia, crime e impunidade.

Espero que meu livro ajude a manter acesa na sociedade a chama de reflexão, cooperativismo e respeito. Como marianense, desejo além de tudo, que as vozes não se calem porque de alguma forma todos fomos atingidos.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo; Geração Editorial, 2013.
- BARCELOS, Caco. **Abusado - O dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro; Editora Record, 2003.
- BELO, Eduardo. **Livro - reportagem**. São Paulo; Editora Contexto, 2006.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. R.S; Editora Arquipélago, 2006.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporânea**. São Paulo; Editora Perspectiva, 2003.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004
- LAGE, Nilson. **A Reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro; Editora Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Unicamp, 1995.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.
- PERES, A. C. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas**. Galáxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 92-104, abr. 2016.
- RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.
- SELLIGMAN-SILVA, M. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. In: Revista de Psicologia Clínica, vol. 20, n. 1, Rio de Janeiro, p. 65-82, 2008.
- SODRÊ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- ALEXIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Chernobyl: história de um desastre nuclear**. Tradução de Sonia Branco. 1ª ed. São Paulo; Editora Companhia das Letras, 2016.

TALESE, Gay. **Aos olhos da Multidão**. Expansão e Cultura, Rio de Janeiro, 1973.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005a, v. 1.

VENTURA, Mauro. **O espetáculo mais triste da terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano**. São Paulo; Editora Companhia das Letras, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

### 8.1 Referências Digitais:

Distritos. **Prefeitura de Mariana**. Disponível em: <http://www.pmmariana.com.br/distritos>

MILANEZ, Felipe. Mariana: desastres viram chance de ganhar dinheiro sobre o sofrimento. **Carta Capital**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mariana-desastres-viram-chance-de-ganhar-dinheiro-sobre-o-sofrimento-5488.html>. Acesso em 13 de julho de 2016.

Bento Rodrigues: Uma história que se repete como tragédia. **Inesc**. Disponível em: <http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-do-inesc/2015/novembro/bento-rodrigues-uma-historia-que-se-repete-como-tragedia>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

O que se sabe sobre o rompimento das barragens em Mariana (MG). **Uol Notícias**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/06/o-que-se-sabe-sobre-o-rompimento-das-barragens-em-mariana-mg.htm>. Acesso em 16 de setembro de 2016.

Desastre em Mariana é o maior acidente mundial com barragens. **Terra**. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos,874a54e18a812fb7cab2d7532e9c4b72ndnwm3fp.html>. Acesso em 16 de setembro de 2016.

DIEGUEZ Consuelo. A onda: Uma reconstrução da tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do país. **Revista Piauí**. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/> Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

Queda de barragem em Minas. **R7 Notícias**. Disponível em: <http://noticias.r7.com/minas-gerais/queda-de-barragem-em-minas>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

Tragédia anunciada: O crime no Rio Doce jamais será esquecido. **MAB Brasil**. Disponível em: <http://tragedianunciada.mabnacional.org.br/>. Acesso em 07 de dezembro de 2016.

Ibama diz que quase 1,5 mil hectares foram destruídos por desastre. **Globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2015/12/ibama-diz-que-quase-15-mil-hectares-foram-destruidos-por-desastre.html>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

BARBOSA, Karina Gomes; CARVALHO, André Luíz. Narrativas do trauma no jornalismo local: Bento Rodrigues. **Compós**. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/narrativasdotraumanojornalismolocal\\_autoria\\_3380.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/narrativasdotraumanojornalismolocal_autoria_3380.pdf). Acesso em 20 de janeiro de 2017.

FREIRE, Simone. O adeus a Bento Rodrigues. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/marcas-da-lama/bento-rodrigues/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

Vozes de Mariana. **Estado de Minas**. Disponível em: <http://www.em.com.br/vozes-de-mariana/>. Acesso em 02 de março de 2017.